

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

CORRESPONDENTES - OLHAR BRASILEIRO PELO MUNDO

Giovanna Mazzeo Sacco, Jornalista - ESPM

Resumo

No fim do século XIX, Joaquim Nabuco já enviava seus textos para jornais e a partir de Londres, na Inglaterra. Na primeira metade do século XX, a correspondência internacional vivenciou sua era de ouro e agora, apesar da crise, continua sendo um cargo indispensável em grandes veículos de comunicação. Por isso, conversei com 12 correspondentes e ex-correspondentes para que falassem sobre suas experiências exercendo a função e quais suas perspectivas para o futuro.

Palavras-chave: jornalismo; correspondentes internacionais; correspondentes brasileiros.

Introdução

“Um correspondente deve relatar a vida dos brasileiros fora do Brasil, mas o papel primordial é levar o conhecimento do mundo aos brasileiros que não têm oportunidade de conhecer outros países”

Sônia Bridi

A partir de entrevistas com profissionais que já atuaram ou ainda atuam como correspondentes internacionais e de relatos históricos, o livro pretende mostrar a importância social e para os veículos de comunicação destes profissionais, como a função surgiu, os avanços e as novas formas de atuar no exterior, dar um panorama de como é atuar nesta área no século XXI e mostrar quais as perspectivas dos próprios jornalistas para o futuro.

Carlos Eduardo Lins da Silva comenta que a função é historicamente tida como glamourosa e de prestígio. Apenas pessoas de confiança do veículo eram

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

"presenteadas" com a tarefa de ser correspondente em outro país (LINS DA SILVA, 2011).

De acordo com o ex-correspondente, a função ainda é vista de uma maneira bastante semelhante.

“Morar em um país desenvolvido, de qualquer modo, ainda é tido como um privilégio tão especial que, mesmo quando se trabalha duro lá fora, a ideia de que assim mesmo as vantagens compensam qualquer eventual sacrifício prevalece”. (LINS DA SILVA, 2011, p. 33)

Será que a atividade é realmente glamourosa? O que mudou ao longo dos anos? Quais os desafios de ser correspondente atualmente? O correspondente terá espaço no futuro?

O trabalho de correspondente pode ser muito diferente dependendo da plataforma, do veículo, do tema, do país em que vive e para o qual trabalha, e até de suas próprias características como profissional.

Além dos correspondentes internacionais, o jornalismo internacional também depende das agências de notícias e de enviados especiais e é amplo em suas abordagens. Tudo o que acontece fora do país de origem do veículo pode ser compreendido como jornalismo internacional, seja o tema relacionado a política, economia, cultura, esportes ou qualquer outro de interesse da publicação.

Em *Correspondente Internacional*, Lins da Silva defende que a era de ouro dos correspondentes deveria ser atualmente, e não na primeira metade do século XX, já que vivemos um momento de interdependência de países e que economia, política, cultura e ciência dependem como nunca do que acontece no exterior e ressalta a importância da função. “Seus relatos de diversos países ajudam a formar a consciência de mundo nas pessoas que não viajam muito para o exterior, mas que mesmo assim são afetadas pela globalização de qualquer modo” (LINS DA SILVA, 2011, p.17).

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Apesar da importância dos correspondentes internacionais para a imprensa, são poucos os livros que abordam esta temática, o que faz com que a função seja muito mistificada e pouco conhecida e estudada.

Metodologia

Livro escrito com base no levantamento de dados históricos e atuais, livros jornalísticos e entrevistas com 12 correspondentes e ex-correspondentes internacionais.

Para conseguir um panorama, ao pensar na lista de entrevistados, tive a preocupação de escolher profissionais de diferentes faixas etárias, de diferentes plataformas e que trabalharam em diferentes países.

O primeiro passo foi fazer um questionário fixo com perguntas a serem feitas a todos os entrevistados. Antes de cada uma das entrevistas, elaborei perguntas específicas com base em pesquisas. Para o levantamento de dados e para saber o que os jornalistas já tinham falado sobre suas carreiras, visitei por diversas vezes o Portal dos Jornalistas, os sites Jornalistas&Cia e Comunique-se, além de ler diversas entrevistas concedidas pelos próprios jornalistas a veículos de comunicação.

A pergunta ‘Você acha que tem lugar para o correspondente no futuro?’, sem dúvidas, fez os jornalistas refletirem muito mais do que se eu tivesse simplesmente perguntado se eles têm planos de continuar exercendo este cargo.

Discussão e/ou Resultados

A ideia deste livro sempre foi a de falar da função de correspondente internacional e não de jornalistas específicos. Até então não existia um livro que abordasse como os correspondentes brasileiros trabalham no exterior nem quais as perspectivas deles para o futuro.

Apesar de quase todos os entrevistados do livro serem brasileiros, entrevistei uma inglesa praticamente brasileira. Jan Rocha mora no Brasil desde o início da década de 70, é casada com um brasileiro e até teve a chance de se nacionalizar, mas

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

como na época era possível ter apenas uma nacionalidade, ela optou por continuar com a inglesa.

Conheci Jan na Associação dos Correspondente Estrangeiros. Durante o papo, Jan relembrou coberturas que, por algum motivo, ficaram marcadas em sua memória e também como era trabalhar como jornalista durante a ditadura militar brasileira.

Apesar de nunca ter sido torturada, nem presa, ela contou que a tensão era constante. Principalmente quando levava os seus textos ao operador de telex.

Sobre essa época, ela disse que o fato de ser estrangeira a ajudou porque desta forma ela não era alvo, como os jornalistas brasileiros eram. Jan conta que quando chegou ao Brasil em 69, não era jornalista, mas se interessou tanto pela profissão que oito anos depois, em 1977, fundou a Associação dos Correspondentes Estrangeiros de São Paulo para ajudar os estrangeiros que trabalhavam na cidade.

Na entrevista com Clóvis Rossi, três momentos chamaram mais a minha atenção. A primeira foi a forma como ele vê o uso da internet. Para Rossi, antes era função do correspondente a de juntar as peças de um quebra-cabeça e tentar montá-lo.

Hoje, segundo Rossi, o quebra-cabeça já está pronto e cabe aos correspondentes saber interpretá-lo, analisá-lo e explicar as consequências e repercussões da notícia. A segunda foi a comparação que ele fez das agências de notícias com o corpo de bombeiros, já que, segundo ele, fazem o papel apenas de primeiros socorros.

Um terceiro ponto marcante foi quando ele disse que o trabalho do correspondente, assim como do jornalista, se resume a quatro verbos: ver, ouvir, ler e contar. Veterano no Jornalismo, engana-se quem pensa que Clovis Rossi está pensando em se aposentar. Ele continua viajando como enviado especial e em entrevista recente contou que continua fazendo espécie de dossiês sobre os assuntos que vai cobrir com tudo o que encontra no local do evento sobre.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

O jornalista revelou que precisa sentir que entendeu totalmente o assunto antes de fazer suas reportagens, mas que raramente usa todo o material que reuniu.

A entrevista seguinte foi feita com Patrícia Campos Mello, também na *Folha de S. Paulo*. Foi muito interessante conversar com dois jornalistas de duas gerações diferentes que trabalharam como correspondentes em épocas diferentes e que atualmente exercem funções semelhantes no mesmo jornal.

Mesmo concordando em muitos pontos, foi interessante comparar como o veterano vê as mudanças que foram acontecendo com o tempo e a forma como ele foi acompanhando com a forma como Patrícia soube usufruir de toda tecnologia disponível de uma maneira quase que automática décadas depois.

Além disso, a experiência de Patrícia como enviada especial e colunista permitiu que ela explicasse como são tomadas decisões editoriais em relação as notícias internacionais.

Outro veterano que participou do livro foi Milton Blay, correspondente da Band News FM. Em Paris desde a década de 70, Blay foi o mais otimista entre os entrevistados quando o assunto foi o futuro da função.

Além de falar sobre o futuro da função e tecnologia, que revolucionou a forma de trabalhar no exterior, os jornalistas também falaram sobre como é o dia a dia, o que é fundamental para ser correspondente, os desafios do cargo, os caminhos que seguiram para chegar ao posto e muitas outras experiências que acumularam ao longo de suas carreiras.

Os relatos de jornalistas renomados que trabalharam no exterior em diferentes épocas, ou ainda trabalham, permitiram fazer um panorama de quais foram as principais mudanças na rotina deles, mostrar com exemplos reais a importância destes profissionais para os veículos de comunicação.

Conclusões

O livro permite concluir que há sim lugar para os correspondentes. Porém, para isso, é necessário que a função passe por mudanças, já que são altos os custos de

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

manter um jornalista no exterior. Apesar dos profissionais que ocupam o cargo, frequentemente, serem os primeiros a ser cortados em uma redação, ter correspondentes internacionais ainda é sinal de muito prestígio para o veículo.

Ou seja, pode até ser que os próximos anos sejam difíceis para estes profissionais por causa das crises econômica e na comunicação pelas quais estamos passando, mas a função deve continuar existindo por muitos anos. Sua importância para o bom jornalismo é indiscutível.

Referências:

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Correspondente Internacional, São Paulo: Contexto, 2011. 17-21 p.